

Lições da *Con-Brasil* "revolução silenciosa"

Na fase singular que o País está atravessando, em meio à apuração de escândalos, que toma a feição de um processo de renovação nacional e coloca em foco dramaticamente a necessidade de rever a Constituição, e às vésperas de um novo plano econômico, não se nota uma ansiedade inusitada nos meios empresariais. Sem se alhear das grandes questões, sendo hoje mais patente do que nunca o seu empenho em debatê-las, os empresários, com o senso de realismo que os caracteriza, adotam uma atitude basicamente positiva quanto ao futuro do País.

Não faltam críticas objetivas não só ao governo como também a todos os poderes da República, que estão a exigir reformas urgentes. E existe a consciência de que a própria passividade da classe empresarial é responsável por um estado de coisas que ultrapassou os limites do tolerável. Interpretando a muitos, o empresário Emerson Kapaz, eleito Líder Empresarial Nacional no pleito promovido neste ano pela revista Balanço Anual, relacionou explicitamente o movimento pela ética na política à inflação. Ao corroer não só os valores monetários mas também os valores morais, a inflação torna-se antiética.

Os empresários, de modo geral, também se mostram céticos quanto à eficácia das medidas que o governo até agora tem proposto como meio de sanar o mal maior. O comandante Rolim Amaro, também eleito Líder Empresarial em 1993, tocou na ferida ao observar que "o aumento de impostos, antes de uma real ação do governo no sentido de cortar as suas gorduras, pode provocar problemas de credibilidade". Outros homens de negócios raciocinam que, ao deprimir a atividade econômica, a elevação da carga fiscal pode acabar tendo efeito contraproducente afetando as vendas de tal modo a reduzir as receitas.

Esses sentimentos, contudo, convivem com a percepção de que as mudanças que se estão operando na economia privada têm tido um efeito revigorante. Pode ser que, como prevêem alguns, o produto real em 1994, apesar de se tratar de um ano eleitoral, não cresça tanto quanto se projeta para 1993 (4 a 4,5%, segundo prevêem institutos especializados). Seja como for, a modernização dos processos de produção

e de gestão, ao lado da revalorização do capital humano e do saneamento financeiro, configura o que Kapaz chamou de "revolução silenciosa", um movimento que pode gerar um novo ciclo de expansão.

Como os empresários não ignoram, um crescimento sustentado depende, em grande medida, da racionalização do setor público, que começa a ganhar corpo. Mas a perspectiva de um programa de estabilização não chega a assustar aqueles que aprenderam as duras lições da experiência dos últimos anos. Hoje, os empresários de setores diversos não se satisfazem com a constatação de que suas empresas estão faturando bem. Eles se esforçam para que continuem assim, através do aumento de produtividade e da diluição de riscos, únicos meios de colocá-los a salvo de surpresas.

Este jornal tem focalizado exemplos muito expressivos dessas atitudes, como a decisão da Autolatina Brasil de adotar o padrão de qualidade "Q-101", que estabelece procedimentos mais apurados para a qualificação de fornece-

dores. Segundo o presidente da empresa, Pierre-Alain De Smedt, essa medida, que deve ter extensas repercussões sobre o conjunto da indústria automotiva, impõe-se para enfrentar a "invasão dos importados".

Já as empresas de transporte rodoviário de carga têm preferido "terceirizar". Como consequência, a participação de caminhoneiros autônomos, que caiu para 30% da frota no final da década de 80, já ascende a 50%. E as vendas de caminhões, valioso indicador do nível de atividade econômica, cresceram 45% nos primeiros dez meses de 1993.

Outros casos poderíamos citar, mas bastam-nos estes para simbolizar a capacidade de adaptação da indústria instalada no País, que tem permitido uma expansão econômica que deixa perplexos observadores estrangeiros. Há, sim, problemas sérios, como as desigualdades regionais, sendo o processo que descrevemos circunscrito, em grande parte, ao Centro-Sul. Os níveis de emprego igualmente não têm evoluído como se esperaria. Mas são essas transformações internas do setor privado que o vêm preparando para um novo tempo, a partir da convicção de que, mais dia menos dia, o ajuste necessário virá.